

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ**  
**11 e 16 de Junho de 2025**

**I'LL SEE YOU IN MY DREAMS / 1951**  
**(O Amor é Coisa de Dois)**

*Um filme de Michael Curtiz*

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Jack Rose e Melville Shavelson, baseado numa história original de Louis F. Edelman e Grace Kahn / Fotografia: Ted McCord / Direcção Artística: Douglas Bacon e George James Hopkins / Música: Ray Heindorf / Som: David Forrest e Oliver Garretson / Montagem: Owen Marks / Interpretação: Danny Thomas (Gus Kahn), Doris Day (Grace Kahn), Frank Lovejoy (Walter Donaldson), Patrice Wymore (Gloria Knight), James Gleason (Fred Thompson), Mary Wickes (Anna), Jim Backus (Sam Harris), Minna Gombell (Mrs. Leboy), Harry Antrim (Mr. Leboy), etc.

Produção: Warner Brothers / Produtor: Louis F. Edelman / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 110 minutos / Estreia em Portugal: Avis, a 1 de Julho de 1965.

\*\*\*

Nesta época, Michael Curtiz parecia estar a especializar-se em “biopics”: foi o período em que estreou **Jim Thorpe – All American, The Story of Will Rogers**, este **I'll See You in My Dreams**, que não traz o nome do biografado no título mas é dedicado à vida do songwriter Gus Kahn (1886-1941), que nas décadas de 1920 e 1930 escreveu as palavras de vários marcos da canção popular americana, como *It Had to Be You*, *Makin' Whoopee*, ou canção que no filme de Curtiz é puxada para o título.

Consta que Curtiz não estava muito entusiasmado com o projecto, encarando-o como mais uma tarefa rotineira até ao momento em que conheceu a viúva do biografado, Grace Kahn, também co-autora (com o produtor Louis Edelman) do material narrativo que serviu de base ao argumento. Grace era, aparentemente, a gentileza em pessoa, criou logo uma relação de proximidade e encorajamento com Curtiz, funcionou desde o primeiro momento como uma espécie de conselheira, sem criar fricções nem dificuldades. Tanto assim que Curtiz se sentiu compelido a pôr mais empenho pessoal no projecto, passando semanas a reestruturar o argumento (e, com isso, a fazer subir o orçamento do filme) e acabando mesmo por se entusiasmar com o trabalho em mãos. Tanta felicidade foi, por uma vez recompensada: embora esteja hoje um pouco esquecido, **I'll See You in my Dreams** foi um dos grandes sucessos comerciais do cinema americano de 1951 (e a segunda mais rentável produção da Warner nesse), trazendo ao estúdio um lucro de quase dois milhões de dólares, soma que corresponde grosso modo ao dobro do dinheiro nele investido. Tão contente com isto tudo ficou Grace Kahn que no fim, e como conta James C. Robertson no seu livro sobre Curtiz, enviou ao estúdio uma carta de agradecimento pelo modo como tudo correu, onde se desfazia em elogios às qualidades profissionais e humanas do realizador.

Um filme “feliz”, portanto, como nesta recta final do trabalho de Curtiz na Warner já não era assim tão frequente. Para isso terá ajudado, também, o facto de ele se ter rodeado de alguns cúmplices, nomeadamente, para o papel da mulher de Kahn, Doris Day, a actriz que ele descobrira em **Romance on the High Seas** e com quem já tinha entretanto voltado a colaborar. Day, no papel da estóica mas sempre muito *supportive* mulher do músico, está aqui nas suas sete quintas: a quantidade de modulações da sua personagem faz deste, certamente, um dos seus melhores papéis e uma das suas melhores interpretações, oscilando perfeitamente entre uma certa leveza cómica, de “music hall”, e o peso, nunca excessivo mas também nunca negligenciável, dos aspectos mais duros do tratamento daquela relação. E isto sem contar com as cenas em que canta, porque algumas delas (por exemplo, a cena em que *Makin’ Whoopee* é transformada num diálogo entre marido e mulher) são francamente boas, e ajudam a trazer ao filme um tom relativamente invulgar, como uma espécie de “musical não-musical”, ou um “não-musical musical” (isto dito, a maioria das cenas propriamente musicais, as que restituem o ambiente das salas de espectáculo de décadas anteriores, é também bastante convincente).

A personagem de Day é, de certo modo, o mediador do olhar do espectador sobre Gus Kahn, e é como se tivesse a função de “humanizar”, ou pelo menos “entender”, aquela personagem de modos tão obsessivos, e com tanta tendência para o auto-centramento, que em grande parte do filme não transpira nenhuma aura de especial simpatia. Danny Thomas era sobretudo um cantor popular, com tendência para a comédia, que faria carreira sobretudo na televisão, em sitcoms e programas de variedades ou cruzamentos das duas coisas. Tinha aqui um dos seus primeiros papéis de protagonista no cinema, e traz para o seu Gus Kahn aquela sombra ligeiramente ameaçadora que é frequente os cómicos trazerem aos papéis “sérios” que lhes cabe interpretar: há qualquer coisa naquele olhar, naquela maneira de falar e de estar, que é um pouco incomodativa, perturbante, que não pede automaticamente nenhuma simpatia e que faz pensar que Thomas não interpretaria de forma muito diferente uma personagem de psicopata, por exemplo. Mas também por isso o seu Kahn é misteriosamente magnético.

Luís Miguel Oliveira